

**A Cooperação em tempos de pandemia: mais participação, mais
Desenvolvimento**

**Discurso pela Senhora Coordenadora Interina das Nações Unidas em São Tomé
e Príncipe
Katarzyna Wawiernia
17 Novembro 2020**

Ilustre colegas oradores:

Dra. **Abigail Tiny** | Terceira Secretária do Ministério dos Negócios Estrangeiros,
Cooperação e Comunidades

Dr. **António Machado** | Adido para a Cooperação Embaixada de Portugal em STP
- **Eduardo Elba** | Secretário Permanente FONG-STP

Senhor Moderador,

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Muito bom dia a todos os presentes. Começo, como não pode deixar de ser, por felicitar a sociedade civil de São Tomé e Príncipe, pela organização deste encontro, e em particular, felicitar pela escolha do tema - “A Cooperação em tempos de pandemia: mais participação, mais desenvolvimento”.

Como sabem não tinha podido aceitar o convite por razões de agenda, mas felizmente conseguiu-se reorganizar e cá estou. Estou satisfeita porque participação e desenvolvimento é a nossa *alma mater* no PNUD e nas Nações Unidas, e é por isso, com bastante agrado que somos convidados a contribuir para a reflexão e discussão deste tema, e em especial, na reflexão sobre o que fazer neste contexto de pandemia mundial, tao difícil e atípico.

2020 é realmente um ano atípico, com um mundo a sofrer uma pandemia global, coisa que não se conhecia há 100 anos. Não estávamos preparados e estamos ainda a lutar contra a persistência do contágio do vírus apesar das várias medidas e políticas adotadas. Os Estados foram forçados a redesenhar os seus orçamentos para responder às urgências na área de saúde, e também, na área social.

Se já era difícil o alcance dos objetivos das agendas de desenvolvimento, quer da agenda 2030 das Nações Unidas, quer da agenda 2063, da União Africana, com este contexto tornou-se ainda mais difícil. Com a pandemia a provocar uma inevitável crise económica e social. O turismo, a nova indústria do século XX, e uma das importantes fontes de receitas de São Tomé e Príncipe, simplesmente parou. Aeroportos fechados. Hotéis vazios. Não temos memória de nada parecido.

Ora, mas o ano de 2020, é também o ano em que o mundo celebra 75 anos da organização de governação mundial – as Nações Unidas.

Se voltarmos a ler carta fundadora das Nações Unidas é interessante lembrarmo-nos do que os fundadores escreveram logo na primeira linha, que como sabem diz “NÓS, OS POVOS DAS NAÇÕES UNIDAS, DECIDIDOS:” . Nós os Povos! Não é por acaso que não diz “nós os Estados” desde o princípio, que a ideia é unir os povos. E os povos não são só a estrutura do Estado/sector público, temos também o sector privado, e temos as entidades que denominamos de Sociedade Civil. Os povos são a soma destas 3 dimensões.

Claro que é mais fácil dizer que o fazer. E ainda pecamos muito, a nível mundial e nacional, no envolvimento consistente e sistematizado da Sociedade Civil.

Mas porquê que é importante termos maior e mais envolvimento da Sociedade Civil?

A resposta do porquê é fácil, porque já aprendemos que com o envolvimento da sociedade civil o caminho do desenvolvimento acontece com maior rapidez e com mais resultados.

Não é por acaso que a denominação “sociedade civil” foi reinventada na década de 1980 e associada ao discurso sobre o desenvolvimento internacional. Digo “reinventado” porque o conceito “sociedade civil”, na verdade, existe desde o tempo do Império Romano.

Mas a reinvenção do uso do conceito inequivocamente do papel da sociedade civil na cooperação para o desenvolvimento.

As organizações da sociedade civil desempenham múltiplos papéis. O espaço que chamamos de ‘Sociedade civil’ integra desde escolas e universidades, a grupos de advocacia de causas, como por exemplo a Green Peace ou a Amnistia Internacional, associações profissionais, igrejas e entidades culturais, grupos de mulheres, de jovens, etc... A Sociedade civil é muitas vezes a ponte entre os anseios dos cidadãos e os governos. E desempenham um papel importantíssimo em monitoria das políticas e ações governamentais, mas também das Contas Públicas.

As organizações da sociedade civil são independentes do Estado, e pela sua essência, são grupos de cidadãos, que com interesses ou causas comuns se associam. Independentemente da organização e seus objetivos específicos, a sociedade civil, deve monitorar a governação. Isto não significa que tenha de criticar e opor-se sempre às instituições públicas. Na verdade se a sociedade civil cumprir esse papel está a contribuir para uma Estado a todos os níveis mais responsável, reativo, inclusivo, e eficaz - e por conseguinte mais legítimo. Uma sociedade civil robusta reforça o respeito dos cidadãos pelo Estado e promove maior participação dos cidadãos na governação. Resolver problemas quer da comunidade mais perto de nós, quer do país,

ou transnacionais como o ambiente, por exemplo – a nossa ilha do Príncipe, património mundial da Biodiversidade, precisa não só da protecção aqui em São Tomé e Príncipe, mas também nos países vizinhos e na protecção mundial dos oceanos.

O desenvolvimento dos nossos países, a melhoria das condições de vida dos nossos cidadãos, para ter sucesso tem de ser uma rede, cada vez mais complexa de parcerias institucionais, entre os vários sectores, incluindo a sociedade civil, mas também nacionais, locais e internacionais. E esta rede é de cooperação é ainda mais necessária no atual contexto.

A pandemia COVID-19 impactou a nossa comunidade global de formas que nunca poderíamos ter imaginado. Como disse o Secretário-Geral das nações Unidas, António Guterres, há umas semanas: *A COVID-19 despiu as fragilidades do mundo. A pandemia explorou estas injustiças, molestou os mais vulneráveis e apagou o progresso de décadas. Pela primeira vez em 30 anos a pobreza está aumentando. Os indicadores de desenvolvimento humano estão declinando e estamos a perder o controle no progresso para a realização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.*”

Sabemos que em África e, em certa medida, São Tomé e Príncipe, têm resistido bastante bem do ponto de vista sanitário à pandemia, com uma taxa de mortalidade muito baixa em comparação com o resto do mundo, mas mesmo assim o país sofre já o impacto socio-económico, dadas as condições e dependência existentes.

Os sectores mais afetados globalmente são também os mais vitais para STP: turismo, comércio e transportes. Basta pensarmos que 70% do crescimento do PIB de STP desde 2016 foi determinado pelo crescimento no comércio a grosso e a retalho e pelas atividades hoteleiras. Por consequência, esperamos que STP seja proporcionalmente mais afetado pelo COVID-19 do que outros países.

Estes desafios sem precedentes obrigam-nos a pensar fora da caixa e maximizar as oportunidades que existem, mas que até então não foram plenamente exploradas.

Uma das consequências da pandemia já bem visível, foi que em poucos meses, menos de um ano, obrigou-nos a adiantarmos-nos pelo menos uma década. Refiro-me ao uso do mundo virtual. Em poucos meses todos passámos a usar o Zoom como se sempre tivéssemos usado. O teletrabalho, a formação à distância, o ensino, nunca mais serão iguais. E adaptámo-nos. Mudámos. Com dificuldade aqui e ali, mas avançou-se.

A mudança tem também que acontecer na área da cooperação. Temos que pensar em cooperação como uma rede de múltiplas parcerias. Nacional, locais, internacionais, mas também de cruzar os sectores. O desenvolvimento e o combate à pobreza são batalhas demasiado importantes para delegarmos apenas a uma entidade ou a um sector.

A promoção do desenvolvimento -

Não cabe só aos governos;

Não cabe só ao Sector Privado;

Não cabe só à Sociedade Civil;

Não cabe só às Nações Unidas;

Não cabe só à União europeia ou à União Africana.

Cabe a todos juntos.

Se a tarefa já era enorme antes do COVID, agora e no futuro próximo é gigante. Repito o que disse o nosso Secretário Geral a pandemia veio exacerbar injustiças, veio molestar os mais vulneráveis e apagou o progresso de décadas. Pela primeira vez em 30 anos a pobreza aumenta. Se queremos vencer e recuperar temos que Estar JUNTOS.

Agora mais que nunca precisamos que a governação seja muito inclusiva e que a sociedade civil, a comunidade internacional e muitos outros se juntem. E também,

devemos incluir o sector privado, as empresas e os investidores são parceiros fundamentais.

O que nós podemos fazer, nós os parceiros de desenvolvimento?

Há necessidade de utilizar financiamentos e subvenções concessionais de forma mais eficaz e catalisadora para mobilizar um conjunto mais vasto de recursos para o desenvolvimento sustentável; para tal, nós, parceiros de desenvolvimento, devemos apoiar a adopção de quadros políticos e regulamentares adequados, bem como fornecer apoio para aumentar a viabilidade económica e financeira das atividades geradoras de rendimentos.

Aqui em São Tomé e Príncipe, nós nas Nações Unidas temos vindo a trabalhar neste sentido, por isso temos programas e projetos com foco na criação de emprego e autoemprego, sem esquecer da importância da educação, acesso a saúde e aos serviços de cuidados básicos a segurança alimentar entre muitos outros.

Estamos a trabalhar com o Governo sobre Plano de Recuperação da pandemia COVID-19 baseado nos resultados de pesquisas feitas com Banco Mundial e Nações Unidas.

Com base nisso seremos capazes de apoiar o Governo na mobilização de recursos tendo em conta as reais necessidades atuais, numa perspetiva pós covid-19.

A sociedade Civil joga aqui um papel muito importante para monitorar todos os apoios recebidos e garantir que a sua execução aconteça da melhor maneira possível. Aliás o relatório apresentado aqui hoje de “Monitoria aos Projetos de Ajuda ao Desenvolvimento no Sector Social” é um grande exemplo do papel interventivo e importante que deve desempenhar a sociedade civil.

Caros e caras participantes,

Para terminar o que tentei vos deixar como reflexão é a ideia que não podemos continuar a fazer as mesmas coisas, da mesma forma e esperar resultado diferente. Temos, todos, de fazer um esforço para nos adaptarmos ao novo normal, não só nas nossas vidas no dia-a-dia, mas também como fazemos a cooperação neste “novo normal”. Mais pragmáticos nos resultados e menos focados nos processos, e sobretudo, eliminarmos fronteiras mentais que alimentam a divisão e a exclusão. Todos somos poucos para sairmos desta crise e para que se cumpra

“NÓS, OS POVOS DAS NAÇÕES UNIDAS, DECIDIDOS...

A promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de um conceito mais amplo de liberdade;” como o dissemos há 75 anos.

Obrigada pela vossa atenção.